



entrevista com
mariana mesquita

Entrevista com Mariana Almeida Mesquita da Silva, professora de música e servidora pública, nascida em Brasília-DF no dia 14 de março de 1980. Entrevista realizada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, dia 15 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Mariana: Daqui de Brasília, sou de Brasília, nasci em [19]80 aqui no Plano Piloto. Sou de Brasília mesmo!

Domingos: Na Asa Sul, Asa Norte?

Mariana: Asa Sul, não, Asa Norte, nasci no Hospital Santa Helena, lá no final da Asa Norte.

Domingos: Seus pais são de onde?

Mariana: Meu pai é do Rio de Janeiro, mas de família do Rio Grande do Sul, só que ele acabou nascendo no Rio, meu avô foi trabalhar pra lá e estudar. E minha mãe de Minas [Gerais], Corinto, interior de Minas. Eles se encontraram por aqui.

Domingos: E se conheceram em Brasília?

Mariana: Se conheceram em Brasília, as duas famílias vieram pra capital bem no início da inauguração de Brasília. Meu avô mesmo veio em 1960 pra inauguração, veio trabalhar em Brasília, meu avô, pai do meu pai. Um pouco depois veio o meu avô, pai da minha mãe, também pra procurar novas oportunidades, numa situação, às vezes, que não tem oportunidade de estudos pros filhos, numa cidade do interior que, até hoje, não tem faculdade, veio com essa esperança pra Brasília.

Domingos: Como era essa Brasília da sua infância?

Mariana: Ah, uma Brasília mais silenciosa, menos pessoas. Brincava muito debaixo do bloco, essa expressão... No início, minha primeira infância, morei no Guará. Eu passo pelo Guará hoje em dia, as crianças não estão mais na rua, a gente não vê como eu brincava na rua, acho que não tem mais a segurança que tinha antigamente. Depois, quando fui morar na Asa Sul, também essa coisa de brincar debaixo do bloco era muito comum, nesse início de Brasília.

Domingos: As crianças todas juntas ali, brincando?

Mariana: Sim. Era o comum brincar debaixo do bloco, nas quadras, nos parquinhos ali próximo, a criançada toda junta, não tinha celular, não tinha essas tecnologias. O que eu tinha de vídeo game era Atari, que a gente brincava pouco, era melhor descer pra brincar.

Domingos: Quais eram as brincadeiras que rolavam?

Mariana: Ah, muitas brincadeiras, principalmente jogar bola, queimada, mãe da rua, a gente brincava, coisas assim... Eu sempre fui muito moleca, sempre gostei de muito movimento: bambolê, pular corda, amarelinha, brincadeiras que estava em movimento. Sempre gostei disso.

Domingos: Tinha música nesse contexto já?

Mariana: É, minha família, principalmente por parte de pai, sempre com a música presente. Meu avô sempre foi um ouvinte de música clássica, de óperas, eu fui uma neta que estive próxima do meu avô, ouvindo as músicas com ele. Acho que, dos tantos netos, sou a que tinha mais o interesse de estar com ele ouvindo. Pra mim, é uma das influências pra eu ter vindo estudar música. O meu pai também, roqueiro, gostava muito de Beatles, Led Zeppelin e de tudo um pouco, Banda de Pau e Corda, regionalismos... Além do meu tio, que é o Marcos Mesquita, violeiro também, está sempre tocando, sempre. O Marcos sempre com a viola grudada, desde que eu me entendo por gente, a viola está próxima. A música esteve presente na minha vida desde sempre.

Domingos: Até você chegar em algum instrumento, quais foram os caminhos que te levaram?

Mariana: Eu sempre gostei de cantar. Eu tinha aquele brinquedo, meu primeiro gradiente, cantava o tempo todo, o dia inteiro. Passei pela flauta doce, rapidamente, na escola, com oito anos de idade, mais ou menos. Por volta dos onze anos assisti uma aula de piano com minha prima, uma aula particular, eu: “Mãe, quero estudar piano, pai, quero estudar piano.” Fui estudar piano com a minha prima, com a mesma professora e logo em seguida eu consegui uma vaga na Escola de Música [de Brasília]. Aí comecei a estudar piano, na Escola de Música eu entrei, a princípio, pra tocar piano, foi o instrumento que me chamou atenção, mas logo, não passou muito tempo, eu mudei pra viola caipira. Acho que pela influência do meu tio também, de estar por perto, com quatorze anos eu comecei a tocar viola.

Domingos: Começou cedo na viola!

Mariana: É!

Domingos: Mas qual que foi o start, vou pra viola?

Mariana: Teve um lance da dificuldade que eu tinha de estudar o próprio piano. Meu pai não tinha condições financeiras de comprar o instrumento. É um instrumento caro. Eu tinha um teclado, então eu ficava irritada de tocar num teclado em casa, estudar e ir pra escola tocar num piano, não funcionava. Chegou um momento que isso ficou crítico, falei: não dá mais, não vou, vou trocar de instrumento. Porque eu não via que ia conseguir progredir no piano. Aí falei: “Ah, vou estudar viola porque meu tio já da aula de viola. Eu acho que gosto da viola.” Aí fui tocar viola na Escola, pedi a transferência de instrumento, naquela época era possível dessa forma. Troquei de instrumento e fui pra viola caipira. Fiquei na Escola de Música [de Brasília] até os vinte e dois anos, até me formar no curso técnico da Escola de Música.

Domingos: Nesse período você tinha alguma audição de músicas de viola?

Mariana: Tinha, pra ouvir, sim, sempre... Os alunos tocando, o professor, a gente sempre estava em contato e como o Marcos Mesquita é meu tio, sempre estive muito perto dele. Pra onde ele ia ele me levava, nos shows dele eu estava sempre presente, tocando também,

fazendo participações. Ele me motivando, me colocando pra me apresentar junto com ele também, pra eu estar junto e aprendendo. Aprender fazendo, tocando já, participei com ele de algumas apresentações, na própria escola e nos shows que ele fazia pela cidade.

Domingos: Aí você acabou virando aluna do seu tio?

Mariana: Sim.

Domingos: Como foi esse período?

Mariana: Foi bem legal, porque sempre tive uma boa convivência com meu tio, eu achava legal. Foi bastante intenso, eu era a pupila dele, estava muito próxima, ia na casa dele. Porque era mais fácil, vamos dizer assim, como sou sobrinha, estar bem próxima, então eu ajudava cuidando dos meus sobrinhos, são mais novos que eu. Tinha essa relação familiar, estava sempre por perto, na escola e na casa dele. Eu também tinha muito tempo disponível, era uma época muito legal, podia estar todos os dias na Escola de Música. Mesmo quando eu não tinha aula, eu estava lá estudando, tocando, ou assistindo outras aulas de viola. Também teve uma época que fiz canto erudito. Eu vivia na Escola de Música, era meu reduto. Como gosto das duas linguagens, tanto erudita quanto a popular, sempre transitei pelas duas linguagens com o mesmo amor, amor pela música. Eu gosto de música. Amo a viola, mas gosto de música, a música é o que me move.

Domingos: Nesse período que você estudou viola lá na Escola de Música, tinha uma demanda grande de alunos de viola? Como era?

Mariana: Sim, sim. Não é um instrumento tão popular quanto violão, quanto violino, que têm uma procura maior, guitarra, bateria. A gente sabe disso, a viola é um instrumento menos conhecido, as pessoas confundem com o violão, a gente explica: “Não, é a viola, é diferente, tem dez cordas e tal...” Mas sempre teve uma boa procura de alunos e esse movimento que os professores da Escola fazem, de estar divulgando, sempre aconteceu. Eu estive acompanhando mais o professor Marcos Mesquita, mas Roberto Corrêa também passou por lá na época que eu era aluna, sempre existiu esse movimento de estar tocando ali. Eu toquei como aluna e depois como professora, pros alunos da musicalização, pra mostrar o instrumento. Isso é uma coisa que faz parte até pras pessoas saberem que tem esse curso na Escola, que é um curso gratuito.

Domingos: E a Escola de Música é um lugar incrível, não é?

Mariana: Sim. É uma oportunidade incrível. Estudei lá por dez anos da minha vida. Vivi intensamente, naquela época, o que a Escola de Música podia me oferecer, tudo que eu pude fazer: me formei, fiz todas as matérias da teoria musical, fiz canto coral, fiz a viola, fiz o canto erudito, cantei no coro lírico, no madrigal da Escola de Música. Gostava de estar por lá. Cantei num coro feminino também, participei de bastantes atividades por lá. A Escola é uma escola pública e oferece oportunidades pra quem sabe, pra quem quer aproveitar... Pra

mim foi meu caminho, a porta que se abriu pra mim para música e viola também, a Escola de Música, e continua existindo!

Domingos: Pra você qual a importância da Escola de Música, em especial pra viola, no Distrito Federal?

Mariana: Ah, de suma importância porque é uma escola regular que está ensinando a viola... Professor Roberto Corrêa começou com esse curso lá, o curso já tem trinta anos. Mais de trinta anos que existe o curso de viola caipira, isso é uma coisa fantástica! Existir um curso regular, livros, escritos a partir do próprio curso de viola da Escola. O Marcos Mesquita publicou um livro, Roberto Corrêa tem diversos livros publicados, muito devido a esse trabalho de ensino, porque os livros viram material de apoio pro professor. Vejo que a Escola de Música é uma referência porque, como a viola caipira é um instrumento de ensino, como se diz, de pai pra filho, era uma coisa muito informal, o fato de ter o curso regular é muito legal pra divulgar o próprio instrumento e trazer ele pra outras pessoas, trazer outras linguagens pra viola. A viola, como um instrumento musical, a gente pode tocar o que quiser, é um instrumento não só da música caipira, acredito muito nisso.

Domingos: Você foi professora também na Escola de Música?

Mariana: Fui.

Domingos: Como foi esse caminho lá?

Mariana: Foi interessante, foi de muito aprendizado, muito legal porque o fato de estar ensinando música lá me movimentava pra estar o tempo todo estudando o instrumento, a gente se aprimora muito, é muito legal ensinar também. Ensinar o instrumento a gente aprende muito porque só tocar é uma coisa, quando a gente tem que ensinar e a gente reduz a velocidade da música e pega, ensina a pegar no instrumento e observar cada movimento do aluno. A paciência e a dedicação, eu sou professora, gosto de ser professora, aprendi muito. Lá na Escola também exerci outras funções, não só professora, fui coordenadora, supervisora da Escola, foram momentos de bastante aprendizado pra mim, três anos fiquei por lá, bem intensos, bem interessantes, eu gostei.

Domingos: Interessante que você acaba tendo as duas visões, do lado do aluno, da pessoa que passa os anos estudando e do lado de quem está trabalhando.

Mariana: Sim, também conheci a Escola com outra perspectiva, com certeza. Também me coloquei pra auxiliar a Escola no que ela precisava, não só como professora, mas também outras frentes de trabalho que se apresentam pro professor, principalmente professor da rede pública, tem diversas demandas que a gente precisa atender. É legal também, eu acho que a gente cresce muito, fazer um aluno se formar, fazer formatura, tudo isso é muito legal, esse movimento.

Domingos: Porque, às vezes, o aluno chega na sala de aula, o professor está ali, mas tem toda uma demanda também que rege isso tudo, não é?

Mariana: Sim. Sim, o professor acaba também atendendo o aluno em diversas coisas, não só a aula de música. Às vezes o aluno precisa até de uma palavra amiga, de um auxílio, isso tudo eu acredito que faz parte da vida, da função do professor também, de ser um ouvinte ou de dar alguma orientação além da parte artística.

Domingos: De modo geral, as pessoas que eu converso acabam se apaixonando pela Escola de Música, quem passa por lá, e todo mundo acha que a Escola deveria ter uma atenção maior por parte do governo. Você acha isso também?

Mariana: Sim. Acho sim porque a arte nem sempre é bem vista pelo governo. O professor de arte é visto como um professor caro, custa muito dinheiro pro governo. Se o professor dá aula pra um aluno, isso pro governo, às vezes, pode parecer pesado, depende do ponto de vista. Mas a importância, a relevância de um professor de arte pra sociedade é muito grande. Então depende muito do ponto de vista, tem países no mundo que investem muito dinheiro no ensino da música, no ensino da arte e sabem que isso tem um grande retorno pra sociedade. A Escola de Música carece sim de mais investimento, um olhar mais carinhoso pra Escola de Música, que sejam enxergadas suas necessidades pra gente ter ensino de excelência. Continuar oferecendo estrutura física e que os professores estejam bem pra ensinar. Isso é muito importante, o professor bem valorizado tem condições emocionais de estar fazendo um bom trabalho.

Domingos: Na Europa, em alguns países, uma escola igual à Escola de Música é nível superior...

Mariana: Sim. Existiu até uma pretensão de se fazer isso com a própria Escola de Música, mas foi um projeto que não seguiu em frente. Eu também não conheço os motivos, mas lembro que teve já um pensamento nisso, de transformar a Escola de Música, dar continuidade à formação e chegar até o ensino superior. Mas isso acabou não acontecendo, acho que era possível sim.

Domingos: São tantos anos, não é?

Mariana: Sim.

Domingos: De curso.

Mariana: A Escola de Música tem mais de quarenta anos de idade, a própria Escola. O curso de viola tem trinta anos, mas a Escola de Música tem mais de quarenta anos.

Domingos: E o curso em si também é longo...

Mariana: Sim. Então é possível, a Escola, eu acredito que com pouca coisa, teria condições de servir como um centro de referência, uma universidade também, uma faculdade de música e até outras artes, tem espaço pra crescer.

Domingos: Como você vê a presença da viola no Distrito Federal?

Mariana: Eu acho que o Distrito Federal recebe bem a viola caipira, principalmente pela sua... O Distrito Federal é formado com pessoas de diversos lugares do país, então tem, vamos dizer, público pra isso. Não é uma cidade voltada só pro rock. É a capital do rock, mas é a capital da viola também, acredito nisso porque tem um público de viola grande, tanto pra viola da música caipira quanto a viola nordestina. Então tem espaço... Acho que Brasília é uma cidade muito cultural, a cultura pulsa e ela pede. Brasília é uma cidade que pede cultura, as pessoas compram a cultura, elas procuram, vejo isso pelo movimento de mães que gostam de levar seus filhos em programas culturais, existe demanda. A gente tem que produzir também, precisa de incentivo e precisa ter mais espaço ainda. Acredito que tem espaço e tem vontade das pessoas de receber a cultura em Brasília, vejo que é rico.

Domingos: Brasília, o Distrito Federal como um todo é bem diverso. Como é viver num lugar desses?

Mariana: Ah, estava comentando com uma amiga ontem sobre isso, eu gosto muito de viver em Brasília. Já tive vontade de morar perto do mar, eu gosto muito do mar, mas quando eu penso bem, Brasília é uma cidade fantástica. Tem espaço pra quem precisa de trabalho, de emprego. No meu caso que sou servidora pública, sou professora da rede pública, eu vejo que a cidade tem condições boas de se viver. É uma boa cidade de se viver. Meus filhos gostam daqui, não vejo eles querendo, até também gostam de praia, mas Brasília é uma cidade de oportunidades. Eu gosto daqui. Vejo isso, mesmo, principalmente pra quem faz música e faz arte, muitas vezes acaba indo pra São Paulo, Rio de Janeiro, eu tenho diversos amigos que conviveram comigo na Escola de Música e não estão mais em Brasília, também em busca de mais ainda. Mas eu vejo que Brasília tem condições, também alguns ficaram e estão por aqui fazendo música em Brasília, fazendo acontecer a nossa arte.

Domingos: Você se identifica com a vegetação, o cerrado?

Mariana: Sim, me sinto uma calanguiha do cerrado! Eu gosto do clima de Brasília. É um clima bem maluco, muito seco, muita chuva... Mas estou bem adaptada a esse clima. Eu gosto daqui, gosto desse céu, de acordar: nossa o céu está lindo hoje! Isso Brasília, diversas vezes no ano eu acordo: "Ah, o céu está lindo hoje!" Então Brasília tem essa alegria, esse céu azul maravilhoso, a vegetação. Eu moro em Águas Claras agora, tem um parque muito legal, não é tão arborizada como a Asa Sul, por exemplo, mas é uma cidade que tem um parque legal. Brasília tem ambientes muito gostosos, além do cerrado, além da Floresta Nacional que está aqui perto da gente, temos ambientes muito gostosos de estar aqui, de convivência.

Domingos: Você falou do calango eu me lembrei do assunto de candango mesmo...

Mariana: Sim.

Domingos: Tem essa...

Mariana: Essa brincadeira com a palavra dos candangos e dos calangos, não é?

Domingos: Você se considera candanga?

Mariana: Sim, porque a minha família é de candangos. Meu avô veio pra Brasília em 1960, na inauguração de Brasília, é um candango típico pela força da palavra. Mas me sinto sim, candanga, me sinto. Me identifico com a história de Brasília, ainda mais porque meu avô me conta muito da história que ele viveu, fez acontecer muita coisa em Brasília, porque ele veio bem no início, meu pai era criança quando veio pra Brasília, me conta muito dessa história. Ele participou, ele trabalhava no governo, então tem muita coisa que aconteceu em Brasília bem nos inícios, no começo, os primeiros governos. Ele me conta, meu avô ainda é vivo, vai fazer 97 anos, tem muito boa memória e conta essas histórias. O pai do Marcos Mesquita, meu avô, Darcy Mesquita, conta essas histórias do começo de Brasília, é bem... Eu gosto de ouvir, me identifico.

Domingos: É, Brasília é interessante essa questão que a história dela está perto da gente...

Mariana: É uma história nova...

Domingos: E essa possibilidade de se reinventar, de inventar, reinventar um jeito de tocar viola...

Mariana: Sim.

Domingos: Acha que Brasília propicia?

Mariana: Sim. Por ser uma cidade com muita diversidade, com bastantes pessoas de estilos diferentes, me sinto muito tranquila de tocar uma viola do jeito que eu achar que devo tocar, do jeito que eu gostar. Muito tranquilo isso, acho que se fosse numa cidade do interior de Minas, eu quisesse tocar um rock na viola, talvez não fosse tão bem aceito. Talvez, não é? Mas aqui em Brasília eu acredito que a viola pode ser o que ela quiser, percebo isso.

Domingos: E a questão da presença feminina, das mulheres tocando viola, como você vê?

Mariana: É, eu vejo que tem crescido. Ainda não são tantas mulheres que tocam viola, mas tenho visto. Tem a Carol Carneiro, está aí, gravou CD, gravou DVD, muito linda! Foi minha colega, estudamos juntas na Escola de Música... Mas eu acho que as mulheres podem avançar mais, ter mais mulheres tocando viola, porque é você mostrar o jeito feminino diferente. Cada um tem seu jeito, mas a mulher tocando viola é muito bonito. Eu acho muito legal!

Domingos: Atualmente você dá aula, é Escola Parque?

Mariana: É, estou dando aula na Escola Parque. Lá ainda não consegui encontrar um espaço pra viola porque são crianças menores e não tem os instrumentos. Pra colocar um projeto de viola lá eu vou precisar movimentar um pouco mais. Não é impossível, acho que nada é impossível. Lá estou dando aula de flauta doce, que também toco flauta doce, estou estudando a flauta doce na Escola de Música. Por esse meu amor pela música, tanto a erudita quanto a popular, estou agora também estudando a flauta doce. Estou achando legal conhecer esse mundo da flauta, eu achava que conhecia, vi que conheço muito pouco. Cada instrumento é um mundo! Estou achando muito legal também, estou me desenvolvendo e voltando a estudar. Isso é importante pra mim, estar sempre me movimentando, sempre estudando coisas novas. Mas quem sabe? Quem sabe a gente não consegue colocar a viola lá [na Escola Parque]? Nem que seja pros alunos maiores, é uma possibilidade sim. Lá tem violões, tem uma renca de violão pequenininho que dá pra ensinar também pros meninos. Quem sabe a gente consegue umas violinhas...

Domingos: Então você voltou pra Escola de Música?

Mariana: Voltei, estou lá como aluna! *[Risos]*

Domingos: A Escola Parque me parece que é uma escola, ouço todo mundo falar muito bem, você pode falar um pouco da estrutura, o que ela tem de especial?

Mariana: Estou principalmente numa escola muito boa que é a escola de 308 Sul, Escola Parque da 308 Sul. É uma estrutura grande, tem espaço pra gente, eu tenho muita liberdade pra trabalhar lá. As crianças gostam de estar lá porque é uma escola grande, tem muito espaço, tem muito parquinho, tem piscina. Eu acho muito legal, encontrei pessoas também parceiras, consigo desenvolver um trabalho interessante com as crianças. Esse ano a gente fez orquestra de flautas. Então dá pra fazer muita coisa, quando o professor quer, quando a gente quer fazer a gente faz, eu vejo assim. Gosto de estar na rede pública também por isso, porque me sinto com liberdade pra desenvolver um trabalho legal... Tem um currículo a cumprir, mas tenho uma liberdade de trabalho, eu acho isso muito legal para desenvolver minha criatividade com os meninos, escuto o que eles gostam também. A gente procura, de certa forma, trazer alguma coisa que eles gostam, dentro do possível. Mas é um espaço legal, gosto de estar com as crianças, sempre gostei de trabalhar com crianças e jovens, acho que é um público legal. Plantando sementes, não é? Acho que é começando na infância o gosto pela música, o gosto pela arte. Isso é bem legal, meus filhos começaram com aula de música muito pequenos, bebês ainda, isso faz toda diferença. Eu vejo neles, pelo fato deles gostarem de música também. Gostam de ouvir música de diversos tipos, minha filha está treinando ukulele, é bem legal essa convivência com música. Esses dias meu filho falou: "Poxa, é tão legal ser filho de uma professora de música." Ele também estava lá brincando com a flauta doce que aprendeu na Escola de Música. Aí falei: "Filho, faz assim, assado." E

ele achando: “Poxa, legal ser filho de uma professora de música!” É isso! Eu gosto, estou gostando de estar lá na Escola Parque, renovei, vou continuar por lá esse ano.

Domingos: Ser filho de pais músicos, professores é um privilégio!

Mariana: Sim. Pra poucos...

Domingos: Às vezes as pessoas acham que a pessoa vai estudar música e ela tem que seguir um caminho, uma carreira musical, mas não necessariamente...

Mariana: Sim. De jeito nenhum, eu dei aula de música para bebês, num projeto da UnB durante bastante tempo, isso era uma coisa que a gente falava muito pros pais: nossa intenção não é transformar eles em músicos. Porque isso é uma escolha muito pessoal, ser músico, mas que eles consigam ter um contato legal com a música. Que a música seja amiga, companheira de vida. Isso já é uma coisa fantástica, ter bons ouvintes, pessoas que gostem. De repente pegar um instrumento num momento da vida, de refúgio e a música ser, um instrumento musical ser esse momento de melhora de qualidade de vida. Eu acho que está valendo, já é uma grande coisa!

Domingos: Alguma pessoa que a gente entrevistou falou isso: que a música, saúde, educação estão juntos. A cultura, educação e saúde...

Mariana: Sim. Eu concordo com isso. Concordo porque me sinto assim, em alguns momentos que não estava me sentindo bem: “Será que vou pra aula hoje?” Aí fui. Sabe? E saí de lá renovada, a música tem esse poder de melhorar tudo. Eu penso assim, me sinto assim e quando eu vou dar aula também me sinto assim. Às vezes a gente chega meio assim e eu saio de lá energizada. Coloco minha energia naquilo, me sinto assim muitas vezes, me sinto energizada com a música.

Domingos: É curioso porque, às vezes, a gente se sente cansado e de repente brota uma energia?

Mariana: Sim. Eu me sinto assim e a gente conseguir, por exemplo, com crianças, tive momentos esse ano de fazer mágica, sabe? Com a música. E mostrar a música: “Olha, gente, vamos fazer a música assim...” Aí canto pra eles. Aí no final tinha uma aluna chorando. Falei: Pronto, ganhei o ano! Se eu consegui tocar o coração de alguém e mostrar que a música vai além de nota após nota. A música é um pouco mais do que isso, de notas após notas... Eu falo pra eles: a música começa primeiro aqui [*Aponta para a cabeça*]. Depois ela vem pra cá, pros dedinhos. Eu falando da flauta. Depois ela vem pra cá, aí vira música, quando ela passa por aqui [*Aponta para o coração*]. Pra eles entenderem que a gente pode ir mais além, não só tocar uma nota após a outra.

Domingos: Eu observo muito o pessoal da viola falar algo relacionado a isso, que ser violeiro é uma coisa que vai além da questão musical...

Mariana: Sim. É um estilo de vida. É um pouco disso, acho que ser músico vai além. Eu tive contato com pessoas, recentemente, que estão a serviço da música. É muito bonito de ver, vejo algumas pessoas assim e eu quero também, um dia, estar nesse lugar. Porque eu sou professora, estou a serviço da música também, mas vejo pessoas tão dedicadas, acho isso tão bonito, se dedicando a tocar, estar fazendo música com quem for e com humildade, com simplicidade. Eu acho que esse é o caminho, sabe? A simplicidade, a humildade, estar ali fazendo música com as pessoas, não ter outras intenções... Ganhar dinheiro é bom também, mas quando a gente está lá fazendo música é isso que está valendo, esse momento.

Domingos: Fazer música pressupõe já que a gente vai fazer música com outras pessoas?

Mariana: Sim, conexão porque se eu estiver só na minha salinha, fazendo música só pra mim, pode ter algum sentido, mas quando eu toco com outras pessoas, quando toco pra outras pessoas isso se torna um momento de troca, quando toco junto com outras pessoas eu estou ouvindo... Esse momento de respeito também, tem a sua vez de tocar, a minha vez de tocar, isso é muito legal na música, essa parte social da música, da gente estar junto fazendo, ou junto pra ter essa conexão também com o público. Vejo que isso é muito legal. É um a mais que temos, eu acredito.

Domingos: Ponto pra música aí!

Mariana: Ponto pra música. Com certeza!

Domingos: Mariana, na sua caminhada musical você compõe também?

Mariana: Eu ainda estou nessa busca. Quando dei aula de música pra criança pequena... Eu tenho alguma facilidade de compor, mas ainda não me dediquei a isso de uma forma mais, vamos dizer, séria... Porque é legal também compor, preciso me abrir mais pra isso. Muitas vezes eu tenho, até gravo melodias e tudo, mas ainda não botei pra frente, sabe? De pegar aquilo e trabalhar, porque compor também é um trabalho, exige dedicação. É um caminho que posso seguir, mas ainda preciso trabalhar nisso.

Domingos: Você comentou que não tem tocado viola muito esses tempos...

Mariana: Não...

Domingos: Mas não sei, se você se sentir a vontade de tocar alguma coisa, o que você quiser?

Mariana: Posso, posso tocar. Não tenho tocado muito porque a vida de professor nem sempre é muito fácil e fico um pouco... Eu sempre levei muito a sério essa coisa de estudar o instrumento. Se eu tiver só pouquinho tempo pra estudar já parece que não valeu, sabe? Acho que eu preciso mudar isso, estou muito rígida com isso, talvez eu precise melhorar um pouco.

[Toca instrumental na viola caipira a música “Casamento na roça”, de autoria de Marcos Mesquita]

Mariana: É isso. Essa é uma música que está sempre, “Casamento na roça”, me lembro quando meu tio fez essa música, é do Marcos Mesquita. Ele fez pra um casamento, um casamento que foi mais ou menos numa roça, aí ele compôs essa música, tocou na hora e ficou. É uma música muito querida, gosto muito dela.

Domingos: Ela é linda!

Mariana: Eu gosto dela.

Domingos: Você sente falta de tocar viola?

Mariana: Sinto, eu me cobro, intimamente: minhas violas estão tristes, elas estão ali quietinhas. Então foi bom de eu ter vindo aqui, peguei a viola de novo, já movimentou pra mim que posso abrir um espaço, dar um jeito. Porque acho que quando a gente quer, a gente faz. Tenho um pouco dessa relação com a viola, um vai e volta. Mas eu amo viola, não deixei de ter elas ali, nunca consegui cortar as unhas, acho que é um sinal, essa coisa da unha grande. Tem mais de vinte anos que tenho a unha grande e mesmo quando não estou tocando viola, estou cuidando das unhas. É muito legal essa relação com as unhas do violeiro, de unha curta, unha grande.

Domingos: Engraçado eu também, às vezes tenho vontade de cortar um pouco, mas não consigo...

Mariana: É uma coisa meio que traição com a viola, cortar a unha é uma coisa forte. Eu acho que é.

Domingos: Tem algumas pessoas que falam que o instrumento é uma continuidade dele. Eu acho que faz sentido por esse lado...

Mariana: Sim, com certeza, estava até falando com a minha professora de flauta... Eu observo isso, quando a gente começa o instrumento cedo, nosso corpo se molda pro instrumento, uma coisa que acaba acontecendo. Percebo em algumas pessoas que vão começar o instrumento depois dos 40, começar a estudar, vejo a mão já dura, difícil. É bem mais difícil da mão se moldar pra tocar. Às vezes uns dedos grossos, é um dedo que foi feito pra outra coisa e aí quer tocar. Eu não acho impossível, mas é um pouco mais difícil. Ela falou: “Eu concordo, é isso mesmo.” Minha professora também dá aula de flauta há mais de quarenta anos e é uma pessoa incrível. Tem a ver essa coisa, o corpo se moldando pra tocar o instrumento. Eu tenho a mão pequena que nem a do Roberto, já medi minha mão com a do Roberto Corrêa, é bem pequenininha a mão dele. E conseguimos tocar, a gente acaba tendo que fazer um pouco mais de malabarismo, mas é possível porque acaba abrindo mais os dedos e exercitando, criando músculos que a gente consegue tocar.

Domingos: O contrário também, já vi pessoas com mão muito grande tocando cavaquinho, por exemplo.

Mariana: Sim, eu vejo o Hamilton de Holanda, foi meu colega também. Tem uma baita de uma mãozona e toca o bandolim incrivelmente. Tem a ver com isso, porque, não só o tamanho da mão, mas pela agilidade, ele começou muito novo tocando, então o corpo aprende a lidar.

Domingos: Você acha que dom, essas coisas, existe?

Mariana: Sim, conheço pessoas que têm facilidade pra começar. Agora, continuar é outra coisa. A facilidade eu acho que é uma coisa boa, mas acho que só chega lá quem persiste. Porque chega um momento que fica difícil pra qualquer um, quando a gente vai estudar um instrumento, então a dificuldade aparece em algum momento, mesmo pra quem tem facilidade, quando a pessoa quer avançar para níveis mais acima. Aí o persistente, quem estuda mais, quem se dedica, quem tem disciplina, pra ser músico precisa ter bastante disciplina, ultrapassa as dificuldades. Mas o talento é uma coisa legal, o fato de ter um dom. Uma facilidade, vejo mais por essa palavra, porque o dom fica parecendo uma coisa muito inatingível, mas é a facilidade, tem gente que tem mais facilidade pra tocar. Eu vejo, como sou professora, tem alunos que rapidamente pegam, entendem e daqui a pouco já estão aprendendo sozinhos, ouvindo, vendo na internet, vai no *youtube* já aprende. Vejo que é isso, a facilidade. E outros com bastante dificuldade de entender, de mexer o dedo, às vezes, de colocar a mão no instrumento já é difícil, a mão já aparece torta. Tem uns que põem a mão no instrumento, a mão está pronta, tem pessoas assim. Mas mesmo esses que têm facilidade, quando a gente vai avançando os níveis de dificuldade que vai apresentar, então a persistência, a dedicação e disciplina é o que vai superar as dificuldades que podem apresentar nos estudos. Mas eu vejo pessoas que têm mais facilidade sim, pra música, às vezes um ouvido mais pronto.

Domingos: Ao tocar viola o que você sente?

Mariana: Me sinto bem, me sinto feliz, me sinto uma pessoa diferente das outras, sabe? É especial, eu vejo que é especial fazer música, tocar viola. O som da viola é maravilhoso, é muito especial, muito diferente. É diferente do violão, diferente do comum. Muito do especial da viola é isso: ela não é o violão! *[Risos]* É diferente, muito legal, eu gosto desse som brilhante da viola. Tem um som brilhante, acho muito legal, muito bonito.

Domingos: Como definir o som da viola?

Mariana: É, eu acho que é isso: um som brilhante, claro. Um som diferente de outros instrumentos que é mais opaco. A gente percebe, o som da viola é... *[Dedilha a viola]* Muito especial. Eu acho muito legal e suave também. Ao mesmo tempo delicado, é um instrumento legal que cabe em qualquer espaço. A viola pode acompanhar uma música antiga, junto com as flautas. O Marcos Mesquita fez isso com os alunos na Escola de Música,

de brincar com as sonoridades, tanto no rock quanto na caipira, quanto no Bach, na viola. Já tem Johann Sebastian Bach na viola, tem trabalhos assim. Então eu acho que a viola cabe em qualquer espaço, é um som que combina com tudo.

Domingos: Qual a história dessa viola?

Mariana: Essa viola é do Aden, feita aqui em Taguatinga, do Alexandre e o João, Advogado e Engenheiro Violões. É uma viola bonitinha, ela é de 2014, é muito bonita, eu gosto do som dela. Gosto dos sons das violas do Aden, eles fazem o instrumento com carinho, um instrumento bom, afinado, bonito, as minhas violas são deles. Não trouxe a minha primeira viola, que é meu xodozinho, ficou lá em casa, ela é bem pequenininha, é diferente, ela é toda mais escurinha, tem um som bem diferente, gosto dela também. Ela já é de... [19]98, 96, bem antiga, uma das minhas primeiras violas e ainda tenho ela. É isso, eu gosto, não sou uma colecionadora, ainda não tive condições. Por exemplo, o Marcos é um colecionador, Roberto Corrêa também, têm muitas violas. Eu nem tenho espaço na minha casa pra ser colecionadora [Risos] Não teria como, mas as que tenho, gosto muito da sonoridade das minhas violas, gosto delas, acho legal!

Domingos: Tem guizo nas suas violas?

Mariana: Não. Já tive numa viola antiga, não me lembro o que aconteceu com meu guizo. Uma vez eu ganhei um guizo, há muitos anos atrás, me contaram a história da superstição e me deram um guizo de cascavel. Mas não tenho mais, não sei se ele se deteriorou, era bem antigo que eu tinha também, não me lembro mais.

Domingos: Tem essas lendas todas em torno da viola...

Mariana: Existem...

Domingos: Pacto pra ser violeiro...

Mariana: Sim, não fiz pacto! [Risos] Fiz pacto comigo, não é? De estudar, de tocar, de gostar da viola, de levar a sério e tocar. Até falei com minha filha hoje: “Ó, estou há alguns dias sem tocar e peguei, lembrei das músicas e toquei.” Falei: “Isso aqui é fruto de bastante estudo.” De muito estudo, dedicação e fica gravado. Às vezes não com tanta habilidade, porque isso se recupera com o tempo, porque é a musculatura, mas a lembrança das posições, de tocar, ainda bem que não perdi! [Risos]

Domingos: Por que você acha que nascem essas lendas em torno do instrumento?

Mariana: Ah, eu acho porque talvez o próprio violeiro, pra aumentar a sua popularidade, o mito do violeiro. Ou talvez as pessoas não compreendam que a pessoa, pra chegar naquela habilidade, teve um trabalho. Às vezes as pessoas acham que aquilo foi um dom divino, ou não, ou do diabo. As pessoas falam isso porque é uma coisa meio sobrenatural tocar um instrumento muito bem tocado, é muito fora do comum tocar um instrumento musical. As

peças não tocam e às vezes não compreendem, de repente, daí surgirem lendas. Acredito que pode ser por aí, às vezes umas brincadeiras acabam virando a história. O povo vai contando e aí, com o tempo, as histórias vão virando lendas.

Domingos: Já que estamos falando de viola caipira, você se sente caipira?

Mariana: Não. Eu me sinto muito urbana, eu sou brasileira, eu me sinto uma pessoa urbana. É engraçado essa pergunta, estava pensando sobre isso, acho que a viola, estou encontrando ainda a minha identidade com a viola, eu acho que sou mais pro rock. Gosto muito da música instrumental na viola, é o que eu sempre me dediquei muito a tocar, a música instrumental na viola. Independente se é caipira, se é moderno ou se é antiga, mas sempre gostei da música instrumental. Eu gosto de música instrumental. Eu canto também, gosto de cantar, mas a música instrumental é o que me chama, me sinto uma instrumentista. Independente de ser caipira ou não, me sinto instrumentista. A viola é um instrumento, eu gosto de usar ela como instrumento, usava também nas aulas, com as crianças, tocar como um instrumento acompanhador. Sem ser um violão, poderia ser um violão, mas é a viola. Acho legal também, pra dar uma sonoridade diferente. As crianças não conhecem tanto o som da viola, então diversifica. Usei também cavaquinho nas aulas de musicalização, porque é um instrumento pequenininho e a afinação é idêntica com a da viola, o cavaquinho, então, pra mim, era uma facilidade de tocar o cavaquinho.

Domingos: Você vê relações entre o tradicional e o contemporâneo?

Mariana: Sim porque a gente pode sempre estar fazendo releituras. Eu vejo isso acontecer, tem músicos que fazem isso. Ivan Vilela é um que traz uma sonoridade diferente, mas você vê um pezinho no tradicional, as influências que se recebe. Eu acho que tem muito como conversar o tradicional com o moderno. A música do Roberto Corrêa tem um pouco disso, dessa mistura do tradicional com o moderno. Tem músicas dele muito modernas, mas tem músicas dele muito tradicional, de vez em quando eu vejo ele fazendo essa mescla de sonoridades e de linguagens.

Domingos: E a tecnologia é uma aliada no desenvolvimento musical das pessoas?

Mariana: Eu vejo que sim, aumenta as possibilidades. Hoje em dia a pessoa pode aprender repertório pelo *youtube*, por telefone, por *skype*, ter aula à distância, o professor lá em São Paulo e eu aqui. Tudo isso é possível, eu gosto, sou a favor da tecnologia. Eu uso, inclusive, o gravador do *whatsapp* pra me gravar, às vezes, pra me ouvir na flauta doce, faço isso, toco uma voz, depois escuto e toco a primeira voz junto. Falo isso pra minha professora: “Mari, como você faz uma coisa dessas?” Eu gosto de usar tecnologia, acho que uso até pouco, tem muita coisa pra ser usada. Meu afinador está no celular, meu metrônomo está no celular, reduzi a quantidade de equipamentos pra um só, acho a tecnologia favorável para os estudos. Antigamente era mais difícil, carregava um metrônomo gigante pra: “pá, pá.” Pra gente estudar, era mais *hard* o trabalho do músico, a tecnologia tem facilitado, pra quem sabe usar. Até pra ler partitura, você carrega tudo num *tablet*, se você quiser, ao invés de

pastas e pastas. Eu tenho pastas e pastas, estão guardadas, mas, hoje em dia, a gente pode por tudo em PDF e ler no *tablet*. É muito legal isso, eu gosto. Facilita a vida, carrega menos peso! *[Risos]* Na mochila...

Domingos: Tem que cuidar da bateria só...

Mariana: Sim, se ficar sem bateria fica sem estudar.

Domingos: Eu vi um depoimento do Elomar falando que depois que escreveram as partituras dele e publicaram... Falou que ali ele estava tranquilo porque se der um colapso, acabar a energia, nem os discos ninguém vai conseguir ouvir mais, mas agora está no papel...

Mariana: Sim. Está escrito, está registrado. Isso é muito importante, quando a gente estuda a história da música, falo pros meus alunos: “Essa música que eu toquei pra vocês é de uma época que não tinha gravador, não tinha televisão, não tinha nada disso, mas tinha o papel e tinha partitura pra escrever. Eu só estou tocando ela, hoje em dia, porque alguém criou a partitura. Essa possibilidade da gente conhecer, porque a música, antes disso, a gente pode só imaginar, não sabe como ela é porque não tem o registro.” Então eu concordo e cutuco: “Marcos Mesquita, vamos escrever suas músicas, vamos botar no papel.” Acho isso importante. Agora ele escreveu o livro dos acordes, formação de acordes, o livro ficou também muito legal. Mas eu cutuco, vamos escrever as músicas, porque penso desse jeito: depois que está escrito, está registrado. Mesmo com colapso mundial de energia está escrito! *[Risos]*

Domingos: Nessa onda de registro, você considera relevante registros como esse, por exemplo?

Mariana: Sim, considero, tanto que foi o que me fez persistir de vir. Porque eu estava me sentindo meio assim: poxa, eu vou ou não vou? Estou há uns dias sem tocar viola e fiquei assim, mas quis vir, falei: são tão poucas mulheres que tocam viola, eu vou registrar, acho que é importante isso. Fica aí um registro da minha história também, porque a viola faz parte da minha história. Então legal, acho importante o registro, muito bom. Parabéns pela iniciativa, muito legal.

Domingos: Inclusive dessa leva você é a única mulher. Da outra vez também, foi só a Carol.

Mariana: Ah, porque a Carol é pra banda de lá, pro sul de Brasília.

Domingos: O que é memória pra você?

Mariana: Memória... Memória pra mim é o que eu guardo, minha memória é muito afetiva. O que guardo na memória, normalmente, é o que me tocou, eu não guardo coisas com datas, memória pra mim tem a ver com o coração. O bom sentimento, coisas boas que aconteceram, por exemplo, as coisas da viola, eu sempre vivi muito intensamente as horas

de estudo pra tocar e a música... Eu não lembro do telefone do meu marido, não tenho de cor, tenho que olhar no celular pra ver. Mas a música que eu ouvi com quatro anos de idade, eu sei que eu ouvi, eu me lembro: essa música eu já ouvi. Minha memória pra música é uma coisa impressionante, mas porque é uma coisa que gosto muito de vivenciar, muito legal isso. Teve uma época que fiquei bastante tempo sem tocar, acho que fiquei meio brigada com a viola, depois resolvi voltar. Meu filho entrou na Escola de Música, aí comecei a pegar a viola e fui lembrando das músicas e foi uma coisa tão interessante, essa coisa da memória afetiva e as músicas... Fui lembrando de tudo quanto é música que eu tocava, muito legal, acho que tem a ver com essa vivência intensa e afetiva com o instrumento e com a música. Me lembro de muitas coisas, músicas que cantei em latim, em alemão, me lembrar das letras. Memória e música está muito ligado pra mim. E memória é o registro, registrar o momento também, é importante, memória nesse sentido de estar gravando as coisas, de estar fotografando, o registro é importante. Eu valorizo, ensino meus alunos a ler partitura, porque a partitura é uma memória, pra eles entenderem o que está escrito, o que está registrado. Ouvir gravações diferentes, de interpretações diferentes, se não estivesse gravado a gente não ia conhecer, muitas vezes, só quem estava ali, naquele momento. Então sou a favor de criar memórias, criar os registros, eu gosto, acho importante.

Domingos: Se você fosse uma música, qual música seria?

Mariana: Pergunta difícil! Talvez essa “Casamento na roça”. Talvez fosse uma música assim que é uma música alegre, uma música pra frente. É uma música que traz uma alegria, me sinto assim, como pessoa, como a minha energia, de bastante alegria, de vontade de viver... Eu me identifico, é uma música que jamais vou esquecer porque gosto muito dela e me traz essa alegria.

Domingos: Nas conversas que a gente tem com os músicos, artistas que têm carreira, eles falam muito sobre sucesso também. O que você considera sucesso?

Mariana: Sucesso é uma coisa ampla, complexa, não é só estar aparecendo na Rede Globo. Eu vejo que sucesso é uma coisa que acontece com o tempo, devagar e se consolida. A pessoa de sucesso tem um sucesso longo e duradouro. Às vezes as pessoas confundem o sucesso com a fama, ser famoso não quer dizer ter sucesso. Dificilmente uma pessoa de trinta anos conhece o que é realmente sucesso, é uma coisa que vem com a vida consolidada. Profissão, filhos, eu vejo isso como uma coisa que engloba diversos aspectos da vida. Maturidade, serenidade em tomar decisões. Acho que o sucesso tem a ver com tudo isso. Estabilidade financeira, facilidade de conviver com as pessoas, viver bem com o planeta, pra mim tudo isso tem a ver com sucesso. Não só estar lá na mídia, aquilo, às vezes, pode ser até momentâneo, a gente já viu muito isso acontecer. A pessoa momentaneamente está ali aparecendo nas mídias sociais e depois ser esquecida. Às vezes, está sujeito àquela pessoa ficar frustrada se ela não tiver todas essas estruturas que a gente adquire com o tempo. Eu ainda estou em busca disso, me sinto nova ainda, ainda não tenho

40 anos de idade. Vejo que isso é uma coisa que se almeja, que se alcança com mais tempo, com a vida mais consolidada, com coisas já alcançadas. É isso sucesso pra mim...

Domingos: Você pensa sobre envelhecimento?

Mariana: Penso. Penso porque procuro cuidar da minha saúde agora, ter uma vida saudável, não só fisicamente, mas emocionalmente, mentalmente, para ter uma velhice saudável também e viver bastante tempo. Tenho exemplos na minha família, tenho um avô de 95 anos, muito saudável, uma pessoa que não usa remédios. Sempre teve uma vida moderada, uma pessoa tranquila, calma, vejo que velhice boa ele tem. Ele, até outro dia, estava trabalhando, então me espelho nesse meu avô João, que é o meu avô de Minas, um carinho muito legal, gosta da minha viola, toda vez: “Cadê a violinha?” Pede pra eu tocar pra ele, é muito querido esse meu avô. Eu penso nisso, de ter uma velhice mais ou menos como a dele, sabe? Um coração tranquilo, cumprir as coisas da vida bem cumpridas, com tranquilidade. E com boa memória, lembrando das coisas, estar consciente do que está acontecendo. Almejo uma velhice assim, sabe? Penso nisso, eu planejo minha velhice já desde... Já tem uns tempos que penso nisso. E fazendo música, dentro do possível, tocando, convivendo com a música, ouvindo música. Se a gente, hoje em dia, tem facilidade, quem sabe daqui quarenta anos, cinquenta, vai estar melhor ainda, talvez, pra ter acesso a músicas boas de todo lugar do mundo.

Domingos: Se você considera que exista caipira, como será o caipira do futuro?

Mariana: Ah, talvez um caipira reinventado, não sei. Porque também pode ter várias formas de ser visto o que é o caipira. Acho que o caipira tem a ver com a raiz, talvez eu me sinta caipira também, porque tenho boas raízes. Tenho pessoas da minha família, têm boas raízes, pessoas trabalhadoras, de bom coração, que fazem o bem, acho que isso é ser caipira: ser uma pessoa autêntica, com princípios. Ser caipira tem a ver com isso também, então acho que ser caipira, sempre vai ter pessoas com boas raízes. Penso nisso porque tem gente plantando, lá na frente a sociedade ainda há de colher também, continuar colhendo pessoas de boa qualidade, boas pessoas. A gente vê notícia ruim na televisão, mas tem gente boa nesse mundo também. Eu vejo assim! *[Risos]*

Domingos: Notícia boa parece que é mais difícil de chegar nos grandes jornais?

Mariana: É, não vende jornal. Mas eu procuro encontrar as notícias boas, ou pelo menos fazer a minha parte de ter boas notícias do meu dia a dia. De ver meus filhos progredirem, meus alunos também, como pessoas ou como alunos, como estudantes, de estarem evoluindo, de estarem progredindo cada dia mais e ensinando eles que a vida é isso mesmo. A gente não aprende tudo de uma vez, mas vem aprendendo cada dia um pouquinho, melhorando um pouquinho cada dia. É o que procuro passar pra eles, pros meus filhos e pros meus alunos, meus estudantes: serem boas pessoas, bons cidadãos pra esse planeta aí que precisa, não é? O Brasil está precisando bastante de gente boa defendendo as coisas boas também. É isso.

Sara: Brasília é uma cidade tão cheia de regionalismos e tão cosmopolita ao mesmo tempo...

Mariana: Sim.

Sara: Como é viver numa cidade assim, nascer numa cidade assim. E quantas Brasília's têm dentro dessa Brasília.

Mariana: São muitas. Eu gosto de conviver com a diversidade. Acho que por isso: eu tenho um avô gaúcho, tenho um avô mineiro, um pai carioca. Pra mim é muito legal, eu aprendo muito com isso de estar aberta a ouvir os sotaques diferentes. Eu percebo que as pessoas de Taguatinga têm um sotaque diferente do Plano Piloto... Já percebi, tem um sotaque, tem um jeito já de Taguatinga e eu acho isso muito legal, porque são pessoas que, vamos dizer, já têm um tempo de convivência, já está criando uma cultura. Ceilândia já tem a sua cara. O Guará tem a sua cara. Eu acho isso muito legal, gosto de conviver, gosto de Brasília também por isso, pela grande diversidade de cores. Brasília é uma cidade colorida, acho legal, eu gosto de estar por aqui, ouvindo as diferentes caras de Brasília. Recebo alunos de todos os lugares de Brasília na escola, então acho isso bem legal e procuro ensiná-los a conviver bem com pessoas diferentes. De cores diferentes, de pele, inclusive, de maneiras de ser e eles respeitarem que cada um tem o seu jeito e está tudo bem. Tem uns que têm sotaque, tenho aluno que fala “porta” e é muito bonitinho! *[Risos]* E tem aluno que brinca com isso, eu falo: “Mas por quê? Esse é o jeito que ele aprendeu a falar, está certo também. Se fosse com você, o único que falava ‘porta’?” Ele era sujeito a brincarem com ele. Então eu gosto, acho legal, isso me faz uma professora mais habilidosa, porque tenho que lidar... Brasília é uma cidade com muita diversidade, a gente tem que aprender a lidar com isso. Eu acho isso bem legal, eu gosto.

Domingos: Esse tempo da infância pra hoje mudou muito Brasília? Como você vê?

Mariana: Muito, não sei... Mudou, não é? Porque faz parte, Brasília cresceu, é uma cidade que está mais populosa, em termos de construções e casas, a quantidade, lugares que a gente lembra que era vazio, tinha só cerrado e agora está cheio de construção. Então mudou, ela está maior, mas acho que Brasília ainda continua sendo Brasília. Tem sua cara de Brasília, é diferente de outros lugares que visito, continuo achando que Brasília ainda é Brasília. Talvez ainda, mais pra frente, é sujeita a ficar muito cheia de gente. Não sei, vamos ver o que vai acontecer com nossa cidade. Porque morei em São Paulo um tempo, é uma cidade cheia de gente, muito trânsito, gente andando pela rua, uma cidade agitada. Não vejo Brasília como São Paulo, agitada como São Paulo. São Paulo não dorme, é uma cidade que está o tempo todo ligada. Brasília a gente anda, você vê as lojas fechadas à noite e eu acho isso muito legal. Que bom que as pessoas desaceleram também, é importante pra ter saúde, não é? Desacelerar um pouco, eu acho isso bom. Brasília ainda vejo que é uma cidade que não está tão acelerada assim. Está mais acelerada do que antigamente, mas ainda vejo que é uma cidade legal de estar por aqui convivendo.

Sara: E como era o Guará da sua infância? Eu também passei a primeira infância no Guará...

Mariana: É, o Guará da minha infância era uma cidade, me lembro uma época de Copa do Mundo e estar na rua brincando. Não sei se eu era dispensada da escola mais cedo, lembro dessa coisa de estar na rua brincando. As ruas pintadas de verde e amarelo, a gente brincando por ali e estar ouvindo coisa do futebol, muita criança na rua. O Guará, quando eu convivi, era muita criança na rua e hoje passo por l e não vejo. Isso é uma coisa que mudou um pouco, uma pena. Não sei se as mães não tem mais coragem, ou se realmente não  possível mais as crianças brincarem na rua sem serem abordadas por pessoas estranhas, sem ter essa liberdade que a gente tinha quando era criança pequena.

Sara: Murinhos baixos, era assim também?

Mariana: Era.

Sara: Quando eu era criança eram muros baixos...

Mariana: , não tinha tantas grades na casa, parecia uma vila, uma cidade do interior, era bem gostoso. Morei numas três casas diferentes no Guará até os sete anos, lembro bastante... De estar andando de bicicleta na rua com meus irmãos, tenho três irmãos, a gente brincava muito. Muito legal!

Domingos: O Z Mulato fala que Brasília é uma arca de No cultural...

Mariana: Tem a ver. Tem a ver com isso, acho que é sim. Brasília tem de tudo, tem os cantores líricos, tem musicais acontecendo aqui, tem a música caipira, tem a música nordestina, tem de tudo, tem o rock'n roll. Brasília é mais ou menos isso, achei legal essa metáfora do Z Mulato! *[Risos]*

Domingos: Qual mensagem você daria pra quem está iniciando na música, no instrumento, na viola?

Mariana: Minha mensagem  de incentivo, estude música. Música  uma boa companhia pra vida e ela pode ser uma possibilidade de sustento honesto. A pessoa ganha a vida honestamente sendo um músico ou um professor. Eu gosto de ter escolhido isso pra mim.  possível, já conversei com alguns pais, meio assim, porque ainda tem um pouco de preconceito com a vida do músico. Eu falo: "Olha, calma, eu sou musicista..." Falando pro pai. "- E estou aqui, eu sou professora, ganho meu slario todo mês." Ele não querendo deixar a filha estudar música, mas também  tranquilo, é a visão que ele tem, mas eu sou uma incentivadora. Levei meus alunos da Escola Parque na Escola de Música [de Brasília] para conhecerem, pra quando tivesse inscrio eles irem l estudar. Sou uma que, quando eu vejo: "Olha, você tem que estudar música, você tem muita facilidade." Alguns alunos eu dei uma cutucada boa, falei com os pais: "Esse menino tem facilidade." Além disso, não posso fazer muito, porque às vezes depende da família, mas eu sempre sou apoiadora.

Continuo, mesmo não estando na Escola de Música, as pessoas continuam me perguntando quando vai ter inscrição? Eu continuo informando, anote meu número, me liga que te passo quando tiver. Acabo virando uma divulgadora também dos projetos, as coisas que acontecem de música também. Divulgo porque eu acho importante, a música acrescenta muito na vida das pessoas, principalmente nas crianças que estão em desenvolvimento. A criança que estuda música é uma criança diferenciada, tem mais oportunidades e a sua parte cognitiva também favorece bastante, o estudo da música.

Domingos: E o que é a vida?

Mariana: Pra mim é um presente. Uma oportunidade de estar aqui vivendo com as pessoas e compartilhando, trocando e aprendendo. Pra mim a vida é uma oportunidade que me foi dada, um presente pra eu aproveitar de uma forma boa. É isso, simplificando... *[Risos]* É isso!

Domingos: Às vezes o simples é difícil...

Mariana: É, o simples é difícil, tem gente que não sabe viver simples. Eu estou buscando saber viver de uma forma simples e deixar de nhenhém com coisas que não têm importância. Viver com as pessoas de uma forma tranquila, sabe? Verdadeira. Também compreendendo que cada um faz o que pode. Às vezes surgem até umas faíscas no encontro com as pessoas, mas também não precisar levar tão a sério porque cada um está na sua luta, na sua batalha, não tem necessidade de ficar devolvendo na mesma moeda. Seguir minha vida tranquilo, ter paciência com esse irmão... É isso. Eu vejo a vida nisso, aprender com essa convivência com as pessoas. Mesmo aquelas que, às vezes, não fazem uma coisa tão boa comigo, mas a gente aprende sempre, se a gente quiser aprender com as oportunidades que a vida nos dá.

Domingos: Você quer tocar mais um trequinho do “Casamento na roça”?

Mariana: Vamos ver se sai mais...

Domingos: Ou começar de novo...

Mariana: Deixa eu melhorar isso daqui... *[Afina a viola]*

[Toca a música “Casamento na roça”, de autoria de Marcos Mesquita]

Mariana: Saiu um pouquinho mais! *[Risos]*

Domingos: Beleza! Mariana, tem alguma coisa que a gente não perguntou que você gostaria de falar?

Mariana: Acho que cutucaram bastante coisa... Acho que é isso, sou grata pela lembrança da minha pessoa, de me chamar porque é legal, tão diferente ter uma mulher tocando viola... E sou grata também porque me fez pegar na viola. Legal isso e quem sabe, daqui a um próximo encontro, a gente troca mais ideias musicais... Eu não fecho a porta, não gosto

de fechar porque a viola faz parte da minha vida e quero ter sempre ela por perto de mim. É isso. Gratidão!

Domingos: É porque o instrumento traz coisas pra gente também, não é?

Mariana: Sim... Sim. Eu tenho muitas boas vivências com a viola. Não foi pela viola que eu entrei na música, porque comecei com piano, mas a viola que me abriu mais portas. Sou grata à viola, à própria história da viola, que faz parte da história desse Brasil todo, desde os inícios do Brasil. Já ouvi dizer que a viola foi mais popular que o violão em tempos atrás. Legal que ela persiste, a viola é resistente ao tempo e ela me ensina muito também.

Domingos: Porque parece que a viola tem uma força um pouco diferente dos outros instrumentos...

Mariana: Sim, tem. Sinto isso também, que é essa resistência, eu acho que a cultura de raiz... Desde Portugal, a viola acompanhando os corações apaixonados. A viola é um instrumento coração, de trazer um alento, uma alegria. Sinto isso, a viola tem essa missão talvez.

Domingos: É, e todos nós estamos aqui por causa da viola!

Mariana: Claro, esse encontro que é legal. É isso!
